

Apresentação

A crise capitalista mundial entra em sua segunda fase e se politiza. Especialmente onde se alardeou cedo demais a virtuosa consolidação de uma comunidade supranacional – a União Européia – dirigida pelo grande capital, a direita e a extrema-direita saíram na frente. Mas onde há opressão, surgem resistências. Manifestações de massa eclodem principalmente na Grécia e tendem a se expandir. Fiel ao seu perfil internacionalista, *Lutas Sociais* abre este número com um artigo de combate, no qual François Chesnais propõe uma palavra de ordem – o repúdio à dívida dos Estados – que contribua para articular as lutas imediatas com o objetivo estratégico de combater a hegemonia da grande finança e preparar o caminho para uma Europa dos trabalhadores.

O importante é que o debate se aprofunde. Nossa preocupação em subsidiá-lo por diversos ângulos inclui o dossiê voltado para lutas operárias e populares. Até porque estas ocorreram recentemente em uma trincheira ainda mais fechada do capitalismo em crise. É o que abordam Erik Wright e João Alexandre Peschansky no artigo sobre os protestos de Wisconsin, nos EUA. Já no Brasil, ao contrário, apresentam-se extraordinárias condições para a acumulação de capital e, por outro lado, ocorre forte reinserção social de grande parte do povo pobre, o que, até o momento, tem contribuído para despolitização, a exemplo do que ocorre com amplos segmentos que permanecem sob a direção político-ideológica das grandes centrais sindicais e de partidos que surgiram de lutas de trabalhadores e trabalhadoras. Mas isto não significa ausência de lutas, embora defensivas. É esta complexa situação que torna bastante atuais os artigos de Giusepinna De Grazia, que estuda uma fase gloriosa do movimento operário brasileiro, centrando o foco na Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSM); e de Célia Motta, que fornece subsídios teórico-históricos preciosos para a análise-denúncia de alguns dos aspectos mais predatórios da expansão do grande capital pelo Brasil adentro e da heróica resistência que ela provoca. No plano mais teórico, o dossiê apresenta uma rigorosa tentativa de conceituação de movimentos populares urbanos, feita por Jair Pinheiro; uma abordagem crítica, realizada por Luiz Bernardo Pericás, da política da III Internacional Comunista em frente à obra teórica e prática de quem é considerado o fundador do marxismo latino-americano, José Carlos Mariátegui; e se encerra com o esforço de Davisson de Souza para apreender as particularidades das lutas sociais no Brasil.

Fornecer referências para as lutas de hoje orienta o diversificado conjunto de textos sobre a Comuna de Paris. Sob diferentes concepções teórico-metodológicas no âmbito do(s) marxismo(s) contemporâneo(os), os artigos expressam a preocupação de, partindo das reflexões sobre o “assalto ao céu” de 1871, explorar as perspectivas de novas lutas anticapitalistas neste sombrio e enigmático início de século.

Javier Amadeo e Gonzalo Rojas destacam a fecundidade de um encontro do marxismo com as teorias do sistema-mundo e da pós-colonialidade para a compreensão dos vínculos entre centro e periferia. Ramon Vilarino examina a formação de monopólios (e, com ela, a cartelização), a partir de um ramo específico cuja importância político-estratégica é crucial: o petrolífero. Ambos os textos contribuem para o aprofundamento dos estudos críticos sobre as relações internacionais contemporâneas em um momento de profunda instabilidade.

Como está escrito em seu programa desde o primeiro número (1996), esta revista “procura vislumbrar, nas lutas que hoje se travam, por menores que sejam, as potencialidades de constituição dos sujeitos da transformação social”. Para isso, cabe substituir o ufanismo pelo conhecimento dos obstáculos a serem confrontados. Waldir Rampinelli examina a contribuição de um mito religioso para legitimar a ditadura e o colonialismo lusitanos no século passado. Pedro Henrique Pereira estuda a centralização de capitais no setor de atuação das empreiteiras durante a ditadura militar, processo que se desdobrou na presença de grandes conglomerados hoje atuantes dentro e fora do Brasil; Anderson Deo analisa os nexos entre social-democracia e o colonial-bonapartismo tupiniquim; Maria Orlanda Pinassi centra o foco nas relações entre o lulismo e os movimentos sociais a partir de uma questão incontornável: se a política se revela cada vez mais refratária à ação autônoma dos explorados, qual o seu lugar nas lutas pela transformação social?

Nem ufanismo nem resignação. Publicamos, no Brasil, o texto no qual Michael Löwy, em 1994, já chamava a atenção para a importância das teses de Walter Benjamin sobre o conceito de história, firmando uma posição crítica em relação ao triunfalismo positivista-historicista e propondo que se escrevesse uma história a contrapelo, contra o ponto de vista dos dominantes que impregnam de barbárie até a cultura que produzem.

Enfim, Angélica Lovatto, Deni Irineu Rubbo, Fábio Mascaro Querido e Renata Gonçalves nos brindam com quatro resenhas de importantes livros estreitamente relacionados com o material acima.

No pauta do próximo número não faltarão referências ao Oriente Médio.

Como sempre, as críticas de quem nos lê são valiosas.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida
(pelo Comitê Editorial)